

Ensino em perspectiva discursiva: o podcast e seus efeitos de sentido

Teaching in a discursive perspective: the podcast and its effects of meaning

Ana Maria Nunes dos Santos Clemente¹
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
anunesdossantosclemente@gmail.com

Edjane Gomes de Assis²
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
assisedjane@hotmail.com

RESUMO: As políticas educacionais passaram por significativas transformações conforme os modelos governamentais em diálogo com as demandas sociais. No campo dos estudos do discurso são emblemáticas as contribuições de teóricos que nos convidam a repensar nossa prática enquanto sujeitos formadores, pois “o que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra [...] senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso?”. (Foucault, 2000. p. 44). À luz da Análise do discurso, na esteira de teóricos como Pêcheux, Foucault, Courtine, dentre outros articuladores do discurso em práticas sociais contemporâneas, nosso artigo compreende um relato de experiência vivenciada em uma escola pública de Fortaleza/CE em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental. Seguindo as diretrizes da BNCC e outros documentos norteadores, utilizamos o gênero podcast em que provocamos uma reflexão sobre um tema complexo presente na prática cotidiana dos alunos – a questão do bullying. Sendo assim, buscamos um alinhamento de conceitos essenciais como: sujeito, poder, disciplina e suas aplicações no ensino. Consideramos, portanto, que os processos de ensino funcionam como dispositivos disciplinares, mas que devem ter como principal objetivo o contínuo exercício de formação cidadã do sujeito em pleno processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Discurso; Ensino; Diálogos; Disciplina.

ABSTRACT: Educational policies have undergone significant transformations according to government models in dialogue with social demands. In the field of discourse studies, the contributions of theorists who invite us to rethink our practice as formative subjects are emblematic, because "what is a teaching system if not a ritualization of the word [...] if not the constitution of a doctrinal group at least diffuse?" (Foucault, 2000. p. 44). In the light of Discourse Analysis, in the wake of theorists such as Pêcheux, Foucault, Courtine, among other articulators of discourse in contemporary social practices, our article comprises a report of an experience

¹ Professora da Educação Básica da rede pública de Fortaleza/CE. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba. Atua na linha de pesquisa: Teoria Linguística e Métodos.

² Possui Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL - UFPB). É professora Adjunta do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL) da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - João Pessoa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da UFPB, atuando na linha de pesquisa Teoria Linguística e Métodos. Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Líder do grupo de pesquisa: Discurso, Ensino e suas Interfaces.

lived in a public school in Fortaleza/CE in an 8th grade class of elementary school. Following the guidelines of the BNCC and other guiding documents, we used the podcast genre in which we provoke a reflection on a complex theme present in the daily practice of students – the issue of bullying. Therefore, we seek an alignment of essential concepts such as: subject, power, discipline and their applications in teaching. We consider, therefore, that the teaching processes function as disciplinary devices, but that they should have as their main objective the continuous exercise of citizenship formation of the subject in the full process of development.

Keywords: Discourse; Teaching; Dialogues; Discipline.

Considerações iniciais

As políticas educacionais do Brasil passaram por inúmeras transformações ao longo do tempo conforme cada modelo governamental vigente. O processo de industrialização e pleno crescimento demográfico demarcado no fim do século XIX e início do século XX foi significativo para as mudanças necessárias em direção à construção e modernização. Destaque para os anos de 1930 com o surgimento de um modelo de educação adotado por Getúlio Vargas (1930-1945) que resultou na criação do Ministério da Educação e Saúde Pública estabelecendo o ensino pré-vocacional e profissional. Mesmo submetido às pressões políticas e críticas necessárias, detecta-se a adoção de uma nova organização educacional com o surgimento de cursos profissionalizantes que seguiam o ritmo das mudanças sociais de um mundo em guerra (Segunda Guerra Mundial – 1939-1945).

Entre 1964 e 1985 - período de instauração e consolidação da Ditadura civil-militar no Brasil - prevalecem os mecanismos de controle dominados por perseguições às instituições de ensino como forma de silenciamento e cerceamento da crítica. Temos aqui uma educação servindo de instrumentalização para o fortalecimento do espírito nacionalista pautado na disciplina como uma reprodução das ações praticadas em quartéis e outros espaços regimentais.

Após a queda do regime e promulgação da Constituição Federal de 1988, nossa carta magna, o país, mesmo ainda sequelado pelas dores de um período de trevas, passa a buscar formas que viabilizem o desenvolvimento e fortalecimento de uma cultura democrática e cidadã. Com a consolidação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), publicada em 1996, buscam-se propostas de equiparação e metodologias convergentes para a instauração de políticas públicas voltadas para um ensino plural em conformidade com a conjuntura social.

Cada dispositivo de poder, como as normativas governamentais até aqui apresentadas, possuem um aspecto comum: discutir medidas urgentes e necessárias que objetivem dirimir a lacuna entre os conceitos teóricos adquiridos nas instituições superiores e os procedimentos metodológicos na vida prática dos(as) educandos(as). No que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, tais mudanças são sintomáticas e inserem na discussão a necessária ruptura com os métodos tecnicistas distantes de uma abordagem formadora e interacionista. Para tanto, algumas questões complexas pareciam inevitáveis. Eis algumas: Como tornar as aulas mais dinâmicas em detrimento da reprodução de abordagens fossilizadas (excesso de nomenclaturas estritamente normativas)? Como contribuir para a formação de um leitor crítico frente aos desafios de sua realidade social? Como criar condições para que as aulas configurem momentos de trocas e diálogos mediados pela diversidade de discursos conforme nossas práticas

contemporâneas? São questionamentos que não têm respostas prontas e que ainda nos acompanham enquanto sujeitos envolvidos com a ação de educar.

Como resultados destas reflexões emergenciais citemos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) surgidos no final da década de 1990 com o objetivo de conduzir os professores da educação básica na elaboração de técnicas e métodos mais próximos da realidade social dos alunos. O documento revela o alinhamento dos pressupostos linguísticos com a realidade de fala dos sujeitos em formação. Em 2012 com a publicação da Lei de cotas (Lei 12.711) que instituiu vagas em Institutos Federais e Universidades para estudantes oriundos do ensino público, e mais tarde, com o surgimento de outras iniciativas de inclusão, evidenciamos a contínua necessidade de atenuar os efeitos da desigualdade social vigente num país cuja educação sempre foi vista pelos mais pobres como um objeto inalcançável, um privilégio de poucos e não um dever e garantia do Estado.

Após anos de consolidação do PCN, que serviu (e ainda serve) de dispositivo norteador dos programas e projetos educacionais, ressurgiu em 2018 outro documento: a Base Nacional Comum Curricular (a BNCC). Com a justificativa de dirimir as desigualdades históricas no ensino – reflexos de uma sociedade excludente como a nossa - a BNCC é publicada, mas cercada de críticas proferidas por especialistas e estudiosos da linguagem ao apontarem algumas inconsistências, equívocos e contradições teórico-metodológicas acerca de conceitos já sedimentados nos estudos linguísticos. Contudo, o documento é considerado hoje um dispositivo fundante para a definição das agendas educacionais no país.

É certo que ainda, em pleno século XXI, mesmo com a implementação dos documentos citados, ainda nos encontramos condicionados à tradição disciplinar – práticas que configuram resquícios históricos de um país cuja educação foi sedimentada na dominação colonizadora numa tentativa de apagamento de nossas identidades culturais. O avanço da extrema direita no Brasil, a exemplo de iniciativas como o Projeto de Lei 1338/2022 que defende o ensino domiciliar através do modelo homeschooling, bem como políticas de cerceamento sobre discussões de gênero e diversidade, evidenciam que a luta por um ensino pautado no respeito às diferenças ainda está longe de acabar. Medidas amplamente defendidas pelos extremistas insistem em dominar a cena político-social e atingem diretamente os mais vulneráveis – sujeitos em processo de formação escolar. Além destes embates históricos e conflitos ideológicos acrescentamos as sequelas deixadas pela pandemia de covid-19 que descortinou a problemática da desigualdade social e a falta de democratização no ensino.

Este breve percurso histórico foi necessário para a demarcação discursiva sobre as configurações educacionais na atualidade. Na contramão dos retrocessos ainda perceptíveis no

sistema de ensino são significativos os avanços dos estudos da linguagem, sobretudo aqueles de tendência discursiva em interface com o ensino. Sobre esta perspectiva, vale mencionar as reflexões e inquietações articuladas no interior da Análise do Discurso representada pelas contribuições de teóricos como Michel Foucault em sua problematização sobre o sujeito e os mecanismos regimentais característicos de uma sociedade de controle. Partilhando destas discussões, consideramos que nós, enquanto sujeitos educadores estamos submetidos às instituições de ensino, pois compreendem espaços de poder que funcionam através de dispositivos reguladores. Assim, é necessário problematizar como “o saber é aplicado, valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (Foucault, 2000, p.17).

No que concerne à educação básica, etapa em que os estudantes estão envolvidos de modo mais incisivo com a comunicação digital e outras formas de interação social, a discussão que se impõe compreende a qualidade da leitura e o desenvolvimento da criticidade acerca da proliferação de informações e conteúdos que chegam diariamente de modo efêmero e descartável. Desta forma, surge a necessidade de repensar em metodologias que articulem os gêneros digitais (como o podcast) aos conteúdos curriculares. Contudo, tais ações compreendem estão postas nas agendas educacionais, mas ainda compreende algo desafiador especialmente em ambientes empobrecidos conforma a realidade de muitas escolas públicas do país.

Com base nestas discussões preliminares, à luz dos pressupostos da Análise do Discurso, na esteira de Pêcheux, Foucault, Courtine e outros teóricos, nosso artigo propõe uma reflexão sobre uma experiência metodológica realizada em 2023, envolvendo alunos da educação básica tendo como temática norteadora a questão do bullying mediante a utilização de um gênero que circula no ambiente digital: o Podcast. Para tanto, revisitamos algumas categorias de análise como: sujeito, poder, disciplina em interface com o ensino a partir de práticas contemporâneas.

Para uma melhor compreensão do leitor o artigo está sistematizado da seguinte forma; na primeira seção, Sujeito, poder e disciplina focalizamos estas categorias de base que são necessárias para o alinhamento da análise. Na segunda seção, O ensino na ordem do discurso da BNCC, problematizamos o processo de discursivização deste dispositivo de controle da ordem social da escola. Dando prosseguimento, na terceira seção, Podcast: o lugar de escuta do sujeito, nosso tópico de análise, trazemos uma discussão sobre os aspectos primordiais envolvidos na experiência pedagógica através do relato e descrição sobre a produção do podcast realizado em uma escola pública de Fortaleza/CE. Neste momento, refletimos sobre o papel da escuta como uma ação interativa e formativa. Para efeito de fim, nas Considerações Finais,

apresentamos um retrospecto das principais discussões levantadas nas seções anteriores, seguindo de nossas Referências que fundamentaram nossas reflexões.

Sujeito, poder e disciplina

O surgimento da Linguística no início do século XX enquanto ciência-piloto sedimentou as bases necessárias para a análise das características da frase e organização do sistema linguístico. Contudo, conforme as práticas de cientificidade foram necessárias algumas reconfigurações epistemológicas que colocaram em evidência o sujeito da comunicação e os modos de enunciação. Estes e outros aspectos constituíram o cerne das investigações que dominaram a conjuntura intelectual que se condicionou chamar de virada pragmática dos estudos linguísticos demarcada a partir da década de 1960. Assim, algumas teorias linguísticas como a Linguística Textual, Sociolinguística, Etnolinguística dentre outras, trazem em seu arcabouço epistemológico a necessidade de ir além dos elementos gramaticais na busca de outros aspectos extralinguísticos que aproximam os conceitos teóricos à realidade de fala dos usuários.

No campo dos estudos do discurso se evidencia uma ampliação acerca da concepção de língua e o atravessamento histórico, social e ideológico resultando no *discurso*. Enquanto teoria de entremeio temos a Análise de discurso de vertente francesa. Em conformidade com o cenário político-social dominante no final da década de 1960 (como o maio de 68), os intelectuais franceses sentiram a necessidade de participar das lutas por direitos civis na tentativa de construir uma sociedade mais justa e democrática.

Dentre algumas figuras que se destacaram neste período emblemático da história citemos o teórico Michel Pêcheux (1938 -1983), e sua análise acerca do materialismo histórico em articulação com os estudos do texto e as condições de produção. Assim, sob influência dos postulados marxistas, a AD francesa se configura como uma teoria de entremeio a partir de três grandes áreas do pensamento (a chamada tríplice aliança): Linguística (sob a influência de Saussure através da releitura feita por Pêcheux), a História (com a releitura dos conceitos de Marx feita por Althusser) e da Psicanálise (influência de Freud relido por Lacan).

Como podemos observar, a concepção de sentido por esta perspectiva, elucida uma ruptura com os processos metalinguísticos que vigoravam no auge do estruturalismo saussuriano que concebe a língua como transparente. Cabe ao analista do discurso compreender como os enunciados se materializam na cadeia discursiva e promovem efeitos de sentido. É

deste modo que a AD francesa procura entender os processos sócio-históricos-ideológicos envolvidos no discurso e busca promover uma inquietação do leitor diante das várias materialidades discursivas, bem como as formas de não-ditos. Voltada para a análise do discurso político em sua configuração inicial a AD francesa, conforme seu processo de amadurecimento, passa a se interessar por toda e qualquer manifestação dos sujeitos em seus mais variados papéis sociais.

Contemporâneo de Michel Pêcheux citemos também outro importante teórico: Michel Foucault (1926-1984). Filósofo e engajado na análise sobre as verdades científicas, contribuiu para as discussões necessárias influenciados pesquisadores desde aquela conjuntura social aos dias atuais. Embora não tenha se posicionado como partícipe da Análise do discurso, Foucault nos convida a pensar sobre algumas questões que circundam nossa existencialidade numa sociedade de controle dominada por profundas contradições. Dentre algumas rupturas propostas por Foucault destaca-se a noção de poder visto no dinamismo das relações sociais, em detrimento das ideias concebidos por Pêcheux (em sua fase inicial) quando o Estado é entendido como um elemento capaz de assujeitar os indivíduos e sendo assim, a ideologia era concebida enquanto ocultação ou alienação.

Já Foucault, vai além das discussões convencionais vigentes naquela conjuntura e dedica-se ao estudo do sujeito e os dispositivos disciplinares que o envolvem. O cerne de suas preocupações compreende, pelo menos, três principais aspectos fundantes: a) Como os saberes produzem isso que nós somos? b) Como as relações de poder interferem nisso que nós somos? c) Os processos de subjetivação. Deslocando a concepção de sujeito da ordem do linguístico (como o sujeito do sintagma), caminha-se para a noção de um sujeito discursivo.

Ao longo de seus estudos, especialmente em aulas ministradas entre 1981 e 1982, no Collège de France, Foucault propõe uma hermenêutica do sujeito e lança um olhar mais incisivo sobre a problemática existencial sobre a noção de verdade. Para tanto, ele mostra como os valores e preceitos morais dominados de cuidado de si e ocupar-se consigo mesmo predominavam o pensamento grego. Inserindo o sujeito como categoria de análise e figura central, Foucault nos convida a pensar como nossos valores foram se transformado e moldando nossa forma de ser e estar na sociedade. No terreno conturbado da sexualidade, por exemplo, o filósofo analisa como em dado momento histórico algumas práticas eram concebidas de modo natural, dentro de uma esfera de positividade. Mas em um outro momento passam a ser encaradas como práticas pecaminosas e dentro de uma atmosfera de negatividade.

As questões envolvendo a subjetividade evidenciam que não estamos mais no terreno da análise puramente linguística, mas na concepção de uma filosofia da linguagem. O sujeito

concebido enquanto categoria gramatical visto como categoria da sintaxe da frase agora adquire outras nuances que impulsionam outros questionamentos: quem é este sujeito que fala? Como seus movimentos discursivos servem para entender sua forma de percepção do mundo? São estas e outras questões que interessam ao analista do discurso.

Estabelecendo uma interface com o ambiente escolar podemos relacionar a problematização levantada por Foucault com a forma como o sujeito aluno foi se transformando de acordo com os processos históricos. Antes do século XX predominava um ensino voltado para a disciplina que adotava o castigo como caráter pedagógico. O aluno é visto como um indivíduo passivo, silenciado que não questionava o professor que é concebido como detentor do saber. A configuração deste tipo de sujeito é resultante dos longos séculos de escravização ideológica que sedimentou um ensino baseado nos mecanismos de vigilância e punição. Conforme o processo de transformação social só permitidos em uma nova conjuntura democrática, os projetos educacionais passaram a conceber o aluno enquanto um sujeito partícipe da sociedade. O aluno, nesta perspectiva, dever ser instigado a fazer questionamentos em relação aos conteúdos estudados na escola e sua realização na prática cotidiana, está sujeito às pressões impostas pela escola, mas com possibilidade de resistência. Entram em discussão agora a necessidade de inquietação sobre os conteúdos que estão sendo dialogizados. Sendo assim, a urgente e necessária educação participativa.

Vemos, deste modo, que esta reflexão sobre o processo de subjetividade está intrinsecamente relacionada ao poder e seus modos disciplinares. Foucault desenvolve uma crítica consistente em relação aos postulados defendidos por marxistas (como Pêcheux e Althusser) que estabeleciam a análise do poder centrada no Estado. O filósofo faz a seguinte provocação: “o marxismo queria se fazer aceitar como renovação da tradição liberal, universitária (como, de modo mais amplo, na mesma época, os comunistas se apresentavam como os únicos suscetíveis de retomar e vigorar a tradição nacionalista)” (Foucault, 2005, p. 2).

Com seu espírito contestador e estabelecendo rupturas com dogmas já consolidados e cristalizadas nas teorias marxistas, Foucault considera incipientes os estudos sobre o poder na forma como entendiam tanto os sujeitos que se posicionavam ideologicamente como de esquerda ou de direita. Para ele, “ninguém se preocupava com a forma como ele (o poder) se exercia concretamente e em detalhe, como sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. [...]. Mas a mecânica do poder nunca era analisada” (Foucault, 2005, p. 6).

Foucault, deste modo, descentraliza a noção de poder do Estado para uma microfísica e propõe uma genealogia do poder entendida como:

uma forma histórica que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc. sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente como relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo do tempo” (Foucault, 2005, p. 7).

Ao estudar a história da loucura localizando a Idade Média na França, Foucault concebe a psiquiatria como uma “ciência duvidosa” que era utilizada pela aristocracia para legitimar o processo de higienização social, pois “não se trata de saber qual é o poder que age no exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global” (Foucault, 2005, p. 4). Por esta perspectiva, entende que a burguesia não se interessava pelo louco, mas como poderia mobilizar instrumentos de controle para excluir este louco sempre com o objetivo econômico.

Entendido como uma relação de forças é necessário observar como o poder se exerce, como é posto em ação através de mecanismos disciplinares. O que compreende então a disciplina? Em *Vigiar e Punir* (1975), Foucault analisa os procedimentos de controle dos corpos dominante no século XVIII. Tomando como exemplo a figura do soldado mostra como este corpo deve ser moldado, ajustado, fabricado, docilizado:

É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior dos poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (Foucault, 2009, p. 133).

A disciplina compreende os métodos que torna possível este controle e aumenta a força do corpo tornando-o útil. Interessante observar que esta coerção não é feita de modo incisivo, como algo que sempre diz “não”, mas que induz o prazer, por isso a disciplina funciona como uma “anatomia política do detalhe” (Foucault, 2009, p. 134).

Nossas discussões mostram a intrínseca relação entre as categorias de análise - sujeito, poder e disciplina - que nos ajudam pensar a estrutura organizacional da instituição escolar. Visto por alguns como um campo de saber, discursivamente, a escola configura um espaço que funciona através de um construto de técnicas, ações e procedimentos disciplinares responsáveis pela manutenção do corpo social e reformatação do sujeito em sua posição de aluno. Numa época de profundas crises emocionais, típicas das relações comportamentais deste século, nossos jovens se encontram submetidos às pressões cotidianas subjugados por um modelo de sociedade que propõe soluções simples para questões complexas. Por esta razão, saber utilizar estratégias articuladas com o imaginário destes jovens, observando suas linguagens em

atendimento aos seus anseios existenciais, certamente já compreende um caminho em direção a uma educação mais justo e menos excludente.

Na próxima seção discutiremos como o sistema de ensino no Brasil, pautado em documentos oficiais, como a BNCC, responde por uma ordem discursiva de modo a disciplinar os corpos que transitam neste espaço de saber-poder.

O ensino na ordem discursiva da BNCC

Parafraseando Drummond em seu poema, “Mãos dadas”, quando afirma “não quero ser o poeta de um mundo caduco”, consideramos que nós também, enquanto professores, não podemos repetir práticas de um mundo obsoleto dissociado das reais questões que nos envolvem diariamente. Assim, as propostas de ensino em perspectiva discursiva nos convocam a (re)pensar quais caminhos a serem seguidos em busca de entender quem é este sujeito aluno contemporâneo neste século de subjetividades e visibilidades. E, ainda, como um sistema de ensino desenvolvido por meio de técnicas disciplinares contribuem, em certa medida, para seu processo de formação. Foucault, mais uma vez, nos provoca quando propõe os seguintes questionamentos acerca do ensino:

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao mesmo difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (Foucault, 2000, p. 44-45).

Em nossas discussões preliminares vimos como as propostas de ensino foram se transformando conforme as políticas públicas de cada governo em diferentes momentos históricos do Brasil. Cada gestor público, por seu turno, uns mais ditadores, outros mais democráticos, se empenharam em estabelecer normativas que deveriam ser seguidas pelos sujeitos envolvidos com a educação – um direito garantido pelo Estado previsto no art. 205 da Constituição Federal: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988).

A Constituição Federal do Brasil funciona como um dispositivo de controle e serve para conduzir toda e qualquer decisão que possa ser tomada em prol do bem comum da sociedade.

De nossa *carta magna* advêm outros documentos que servem para garantir e assegurar os direitos conforme o pleno exercício da democracia.

Na dimensão do ensino são significativas as contribuições da Base Nacional Comum Curricular consolidada em 2018 que prescreve procedimentos a serem seguidos pelo professor da educação básica. O documento é apresentado da seguinte forma:

A BNCC é um documento plural, contemporâneo, e estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. Com ela, redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas. Essa referência é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da Educação Básica, enquanto os currículos traçam o caminho até lá (Brasil, 2018, p. 5).

O texto de apresentação do documento revela um diálogo com a Constituição Federal quando define, de maneira contundente, que a educação é um direito garantido pelo Estado, ao tempo em que se estabelece como um dispositivo disciplinar quando revela que “redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas”. Há uma ordem a ser cumprida pelos corpos dóceis que transitam neste ambiente de ensino.

No que concerne ao trabalho com a leitura e formação do leitor. Em seu tópico “Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana” há a seguinte recomendação:

Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc. Refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se (Brasil, 2018, p. 71).

O processo de discursivização do documento elucida o alinhamento de conceitos amplamente difundidos nas teorias do discurso, em suas várias vertentes, no sentido de promover um ensino crítico com a função de inserir este sujeito na sociedade. Destaque para a concepção do texto e suas condições de produção e o questionamento dos efeitos de verdade sobre os acontecimentos.

Como defende Foucault ao evidenciar que a sociedade disciplinar funciona numa ordem das leis, entendemos que a BNCC, como instrumento regulador, cumpre uma ordem

estabelecida pela Constituição Federal, a fim de que as instituições de ensino coloquem em ação tais prescrições. Contudo, devemos considerar que nem sempre tais recomendações previstas no documento são rigorosamente seguidas de forma unânime na escola. Um país como o Brasil, de dimensões continentais e uma vasta diversidade cultural impõe que sejam repensadas metodologias diferentes conforme cada realidade escolar.

O objetivo da BNCC é tornar comum os currículos, possibilitando dirimir a histórica desigualdade social no sistema educacional. Mas bem sabemos que a forma de implementação dos conteúdos, a rigor, quando se volta para a realidade social, não seguirá tal uniformidade – o que não deve ser visto com aspecto negativo, pois deve haver um respeito às diferenças e ao ritmo de cada aluno, à organização estrutural da escola. É o espaço de territorialização em que se encontram estes sujeitos que irá determinar como as múltiplas linguagens (digitais ou não) serão aplicadas nas aulas mediadas pelo professor que, por sua vez, também é atravessado por uma história e por diferentes contextos sociais.

Isto incluem também as formas de abordagem de temas sensíveis que atingem diretamente o universo dos jovens e que devem ser analisadas de modo a preservar a individualidade, singularidade e integridade destes sujeitos. Questões ligadas à sexualidade e práticas abusivas, como o bullying, por exemplo, que reproduzem estereótipos e preconceitos, devem ser incorporados na análise do texto em diferentes materialidades e transcender para outros campos do saber e disciplinas além da Língua Portuguesa.

A escola, deste modo, faz parte da sociedade de controle. É neste território de subjetividades que os modos disciplinares e seus instrumentos diversos se fazem presentes de modo marcante e incisivo, e, na maioria das vezes, nem sempre perceptíveis pelos sujeitos. A lista de presença, as filas, o uniforme, a definição dos conteúdos, o horário das aulas e os intervalos, a organização arquitetônica, os sistemas de avaliação produzem corpos úteis capazes de manter a maquinaria em funcionamento. Adiante veremos como os instrumentos de controle (como a BNCC) adquirem concretude em uma experiência vivenciada em uma escola pública da cidade de Fortaleza/CE, envolvendo alunos do 8º ano do ensino fundamental. Seguindo o caráter de atualidade no ensino quando prescreve o uso de múltiplas linguagens, foi utilizado gênero podcast como um meio que possibilitasse o processo de escuta destes sujeitos.

Podcast: o lugar de escuta do sujeito

Como já discutido, a crise provocada pela covid-19 deixou profundas sequelas como o aumento de casos de ansiedade e outros problemas comportamentais que atingiram diretamente a saúde mental, tanto de alunos como de professores. O terreno já conflituoso da escola se transformou em uma arena em que são travados constantes embates resultando em vários tipos de violência como a prática do bullying. Enquanto agressão verbal ou física o bullying se dissemina entre os sujeitos alunos provenientes de diferentes classes sociais.

Sabemos que atos de discriminação e perseguição em escolas não é novo, mas faz parte da vivência dos sujeitos ao longo do tempo. Apelidos e humilhações são endêmicos na realidade das escolas e sempre estão no centro das preocupações em fóruns educacionais, bem como nos documentos norteadores das políticas educacionais. Nos últimos anos, com a difusão das redes sociais que impulsionaram os discursos de ódio, este tema vem ganhando relevo nas últimas décadas no sentido de procurar detectar e dirimir seus malefícios na vida social dos jovens e o direto comprometendo em seu rendimento escolar.

Em abril de 2024 causou comoção no país o sofrimento do aluno Carlos Teixeira, de 13 anos, estudante de uma escola estadual em Praia Grande/SP³, que após ser vítima de um longo processo de bullying por parte de seus colegas, foi violentamente agredido e morto pelas ações de violência. A violência das escolas é um tema caro que vem crescendo de modo acentuado nos últimos anos e se acirrou após o período de isolamento social por conta da pandemia de covid-19. Pela relevância e complexidade do tema, estudiosos e especialistas no assunto têm promovido ações que visam prevenir estes casos impedindo que as ações se intensifiquem e resultem em mortes como a do adolescente Carlos.

Sobre este aspecto Malta faz a seguinte afirmação:

Os estudos sobre violência no âmbito escolar são recentes, e os primeiros datam da década de 1980. Entretanto, a preocupação sobre o tema tem aumentado nos últimos anos, despertando a atenção dos educadores, da sociedade e das famílias. A violência presente nas escolas refere-se a um fenômeno complexo e tem afetado a vida cotidiana, como uma ameaça diária à integridade física, psíquica e da dignidade humana. Além disso, as diferentes manifestações das violências no âmbito escolar vêm comprometendo ainda mais a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira (2009, p. 369).

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/04/29/aluno-morto-apos-agressao-em-escola-paulista-queria-defender-amigos-de-bullying-diz-mae.htm>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

Inserido numa sociedade punitiva o bullying insere-se numa prática de vigilância e punição através do mecanismo de exclusão do outro. É uma forma de violência, as vezes explícita, as vezes mascarada, mas que atinge diretamente a saúde física e mental da vítima. Por isso, é urgente e necessário pensar em estratégias voltadas para a resolução de crises por meio de uma linguagem que se aproxime destes sujeitos. Dentre algumas possibilidades foi pensado a utilização do gênero Podcast: uma ferramenta educacional que tem uma linguagem própria e promove o desenvolvimento interacional dos alunos. Reforçando a importância da utilização de práticas de linguagem múltiplas e contemporâneas a BNCC dá a seguinte orientação:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. (Brasil, 2018, p. 64).

Dessa maneira, é inegável considerar que o podcast enquanto um gênero que circula no universo da cibercultura vem conquistando um importante espaço entre os alunos por se encontrarem imersos nas novas tecnologias conforme descreve a BNCC quando afirma que “Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil” (Brasil, 2018, p. 57).

São perceptíveis as mudanças do sistema de ensino que seguem o curso das transformações de uma sociedade cada vez mais apressada e ansiosa por respostas simples para questões complexas – o que justifica o uso do Podcast que, de certo modo, pode ser entendido como uma reatualização do rádio – um instrumento de comunicação de massa que ainda hoje tem um lugar cativo na vida cotidiana dos sujeitos. O uso do Podcast se justifica por ser acessível às novas gerações e ainda, pela facilidade de criação de conteúdo e distribuição entre os usuários da Web. Neste sentido, ao analista do discurso interessa entender como o conhecimento é partilhado na instância escolar – um ambiente de saber-poder.

Seguindo as diretrizes dos documentos oficiais, especialmente o que instrui a BNCC, adotar o Podcast como ferramenta metodológica compreende cumprir a função de atualização no ensino por proporcionar um espaço de construção de subjetividades contribuindo para o

desenvolvimento das práticas discursivas dos alunos. Nesta perspectiva, compartilhamos uma experiência vivenciada numa escola pública localizada na cidade de Fortaleza-Ceará que envolveu alunos do 8º ano do ensino fundamental em uma aula de Língua Portuguesa.

Antes, porém, se faz necessário conhecer quem é este sujeito aluno situado no 8º ano. São sujeitos com idade entre 13 e 14 anos que se encontram na fase da adolescência e estão na iminência de mudança de fase – após apenas mais 1 ano (9º ano) ele já se encontrará no Ensino Médio – em que se concentrarão as angústias típicas desta fase prévia que lhes dará acesso à universidade. Não deixamos de considerar também que são jovens sequelados pelo ensino domiciliar por conta do isolamento da covid-19 de modo que serão necessários alguns anos para que os danos sejam totalmente dirimidos.

A atividade com o gênero Podcast intitulado, Papo de escola, compreendeu uma ação desenvolvida em pela professora Ana Maria Nunes dos Santos Clemente que atua na rede pública de Fortaleza/CE e é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba. O projeto foi realizado no primeiro semestre de 2024. O podcast foi estruturado em dois temas: Autismo e inclusão escolar, por ocasião do abril azul, mês de conscientização desta temática, e o Bullying na escola – assunto selecionado neste artigo.

Inicialmente, foi apresentado o projeto (em forma de slides) à coordenação pedagógica como vistas à exame e possível aprovação, pois sabemos que ensinar compreende um exercício de troca de saberes. Contudo, foi necessário delimitar alguns aspectos preliminares: 1- Encontrar um professor parceiro e sensível às necessidades dos alunos que saiba trabalhar de forma dialogada e partilhada. 2 – Identificar alunos dispostos a participarem do projeto como entrevistados e/ou debatedores do tema. 3 – Pedir a permissão dos pais, mães ou responsáveis destes alunos participantes. 4- Incentivar que os pais, mães ou responsáveis auxiliassem nos ensaios até sua apresentação. Tais desafios foram vencidos de modo que consideramos sua importância na ação educativa por entendermos que construir o conhecimento requer cuidado e responsabilidade diante daquilo que se fala, se discursiviza.

Após o momento de aprovação e delimitação dos papéis de cada participante do projeto foi dado início à execução do projeto com a apresentação do gênero podcast, mesmo entendendo que tal gênero já faz parte do universo destes adolescentes. Mas o caráter lúdico e a intersecção entre as múltiplas semioses promovidas pelo podcast, incluindo, ainda, a capacidade de estímulo na percepção acerca de temas do cotidiano, construindo e firmando relações, figuram algumas contribuições possibilitadas pelo podcast.

Seguindo nossos procedimentos metodológicos, dividimos a turma em equipes para a pesquisa sobre o tema e elaboração de um roteiro para gravação do Podcast com a mediação do professor. Dessa maneira, foi possível valorizar os alunos enquanto protagonistas do aprendizado conforme orienta a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), em sua 6ª competência:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 7).

Necessário, antes, entender que não estamos falando de algo novo, pois o que temos hoje, por meio destas linguagens digitais, é a reconfiguração de algo já existente ao longo do tempo, ou seja, os tradicionais programas de rádio que agora recebem uma outra roupagem mais digitalizada. Esta informação é importante no momento de produção do gênero por levar os alunos a conhecerem outros momentos históricos que ainda existem mas de modo redimensionado.

A figura a seguir compreende um dos registros deste momento. Optamos por preservar a imagem das crianças mantendo a ética e responsabilidade na ação:

Figura 1 - Momento de execução do podcast Papo de escola



Fonte: Clemente (2024).

Este momento foi singular porque propiciou um diálogo profícuo de modo que tivemos a oportunidade de conhecer os interesses de nossos alunos, seu processo sócio-histórico e suas dificuldades cotidianas.

Após a análise e adaptações dos roteiros apresentados pelos estudantes, iniciamos a fase de gravação do Podcast e apresentação dos trabalhos desenvolvidos pela turma. Percebemos que atividades que envolvem o uso de gêneros digitais em sala de aula fortalecem o desenvolvimento do sentimento de pertencimento destes sujeitos e ressignifica a forma de ensinar e aprender. Isto possibilita que o aluno participe da construção do conhecimento, não apenas como espectador, mas também como sujeito ativo e capaz de compartilhar saberes diversos.

Com o auxílio de um professor da disciplina de Língua Portuguesa, demos início ao podcast sobre o bulliyng em que tivemos como entrevistados três alunos que optamos por utilizar apenas as iniciais de seu nome: R. K, Y. J. e D. N. O programa se realizou em um estúdio organizado nas dependências da escola e não foi disponibilizado em nenhuma plataforma, tendo em vista que a ação pedagógica envolve crianças e sendo assim, deve ser preservada sua integridade e identidade. Neste artigo seguimos a diretriz da escola em também não reproduzir o áudio do programa, mas transcrevemos suas falas fazendo os recortes e edições necessários em nossa análise. O programa com a temática, Bulliyng na Escola, teve duração de 13 minutos e cinquenta e quatro segundos e foi organizado conforme podemos observar na seguinte materialidade discursiva transcrita do programa:

Logo na apresentação entra uma fala feminina com velocidade aumentada que diz o seguinte: “A partir de agora está entrando no ar o podcast papo de escola. Apresentação do professor Marcos Vinícius”. Logo em seguida entra a fala do professor:

Sou eu. Muito bom dia! Estamos iniciando o Podcast Papo de escola. [...]. Hoje estamos abordando o tema bulliyng na escola. Pra falar sobre ele, nós convidamos três alunos do 8º ano manhã da Escola [...]⁴. São eles [...]. A cada um de vocês, bom dia! E já começo perguntando a vocês: - Como é que foi a experiência de pesquisar e estudar sobre o tema bulliyng na escola?

Observamos nesta sequência discursiva como o professor procura já inserir os alunos na discussão buscando escutar suas impressões sobre um tema tão caro e complexo. Este momento é importante porque estabelece uma valorização do sujeito e o coloca como protagonista destas histórias sobre a realidade social.

⁴ Optamos por fazer algumas supressões que achamos necessárias e não comprometam a legibilidade das informações.

Vejamos a resposta do(a) aluno(a)1: “Foi uma experiência boa porque todo mundo participou, todo mundo teve uma participação muito importante...é...a gente criou frases...é...contra o bullying... e isso foi muito bom!”.

Em seguida um(a) outro(a) aluno(a) interrompe e afirma o seguinte:

Inclusive tiveram até pessoas que a gente foi atrás dos relatos, né?! que tiveram pessoas que contaram realmente suas histórias sobre o que elas passaram com o bullying. E é muito triste a gente ver o que acontece muito nas escolas porque a gente só vê em filmes... assim... lá que a gente pensa que é ficção...quando a gente descobre que realmente isso acontece é meio triste assim descobrir (Clemente, 2024).

Dando prosseguimento aos depoimentos, o(a) terceiro(a) aluno(a) deixa demarcado o seguinte discurso:

Foi bem revelador pra mim, na verdade, porque me fez perceber que muitas pessoas ainda têm aquela mesma idealização enraizada de 1970, sabe? De quando era normal ou natural esse tipo de coisa acontecer. E... coisa que a gente sabe nos dias de hoje que é bem preocupante né... porque traz diversos impactos negativos na vida das pessoas (Clemente, 2024).

As três falas mostram que o tema faz parte do cotidiano escolar e mostra, ainda, o nível de informação dos alunos em buscar em outros sujeitos e outros momentos históricos, sobretudo em ações de repressão que não deve ser mais vista de modo naturalizada.

Após esta fala, o professor interrompe e diz: “Vou pegar esse gancho aí de sua fala e até perguntar pra você e para seus colegas o seguinte: Algum de vocês, né...já passaram por essa situação de sofrerem bullying ou mesmo de presenciarem alguém de sofrer bullying ou algo parecido” (Clemente, 2024).

Após a pergunta um(a) aluno(a) responde: “Nunca me ocorreu e nunca fui alvo, mas já me relataram é... é... esse tipo de ação, sabe? Mas não, nunca me ocorreu”. Um(a) outro(a) aluno(a) também responde: “Eu também nunca fui vítima de bullying né... nem nunca presenciei no ato assim, mas já presenciei pessoas que já realmente sofreram e que ficaram realmente muito abaladas com o bullying. Após esta resposta outro(a) aluno(a) também responde à questão feita anteriormente pelo professor:

Eu nunca fui alvo de bullying, mas já presenciei em sala. Um bullying indiretamente com apelidos, mesmo assim a pessoa que está sendo a vítima de bullying... ela aceitar o apelido, mas o apelido continua sendo ofensivo e isso é um bullying, indireto, mas é o bullying (Clemente, 2024).

Este(a) aluno(a) traz em seu discurso algo que merece reflexão. Chamar atenção para a questão da naturalização da violência já mostrada em outros momentos do podcast através da fala de outro(a) entrevistado(a). Os enunciados revelam também o olhar atento para os casos que, em sua maioria, podem ser invisibilizados pelo professor, mas não por quem está sofrendo o abuso.

Após esta última fala o professor/apresentar do podcast complementa: “É verdade tudo isso que você falou. E aí eu aproveito pra perguntar pra você e suas colegas qual o recado que vocês gostariam de deixar pra nossos ouvintes aqui no podcast papo de escola sobre o tema bullying?” (Clemente, 2024).

As respostas são bem interessantes:

Aluno(a) 1: “O bullying é muito sério. Ele tem que ser combatido; O bullying pode causar mortes, traumas, ansiedade, depressão e outras doenças psicológicas”. Resposta do(a) aluno(a) 2:

É... inclusive se você vir alguém sofrendo do bullying você denunciasse aos responsáveis da escola ou os responsáveis da pessoa. Inclusive se você vir alguém na sala excluído ou se excluindo ou passando por alguma coisa, pergunte a ela o que tá acontecendo pra poder solucionar realmente (Clemente, 2024).

Resposta do(a) aluno(a) 3: “Proibir e relatar, né... pra assim... fazendo... é... né... o ambiente mais respeitoso e conscientizado”.

Vemos que as repostas foram incisivas e propiciam uma análise acerca dos movimentos de subjetividade destes alunos envolvidos com os diversos desafios existentes em sua vida escolar, bem como em outros espaços sociais. O trabalho de escuta reside, justamente, em dialogar com o alunado, buscando conhecer sua realidade e sua forma de agir e reagir no mundo. É através do discurso que os sujeitos imprimem sua ideologia, sua visão de mundo acerca dos assuntos que os atingem diretamente.

O podcast, Papo de escola, se encerra com a última fala do professor/apresentador:

Eu queria muito agradecer a presença de cada um de vocês três e convidar os nossos ouvintes para ouvir, compartilhar nas suas redes sociais e já se preparar porque no próximo mês nós vamos ter mais um podcast Papo de escola aqui, direto dos estúdios da Escola Municipal Ary de Sá Cavalcante. A cada um de vocês um forte abraço e até o nosso próximo encontro (Clemente, 2024).

O programa termina com a vinheta de encerramento. Observemos como o professor/mediador do debate valorizou durante todo o tempo as falas dos alunos, sem

interromper ou impor sua verdade. Agiu com gentileza e respeitando cada argumento aqui colocado. Atua nos limites da ética e responsabilidade de acordo com os documentos que regem as agendas educacionais.

Neste exercício de escuta primamos pela autonomia dos alunos e liberdade de escolha de temas que considerassem pertinentes e que fizessem relação direta com sua vida social. Para tanto, promovemos uma inquietação a partir do seguinte questionamento: “Qual o principal desafio para que a escola seja vista com um ambiente possível de convivência e participação de todos?”

É neste momento que pensamos sobre nossa função, enquanto formadoras, em escutar os anseios deste sujeito que muitas vezes se sente clivado, censurado e constantemente travando uma luta entre o querer dizer e não poder dizer. No ensaio *O medo na era da ansiedade* Courtine (2020, p. 425) afirma que “o medo pode por vezes não ter outro objeto que o próprio medo, pode não ter outra existência material que linguageira: o discurso do medo em si”. As reflexões do teórico justificam o trabalho com o tema do bullying como um gatilho que desencadeador de outros medos típicos da pós-modernidade.

O ensino implementado desta forma, perde seu caráter mecanicista e tecnicista para uma pluralidade de discursos porque a análise puramente linguística torna-se limitada diante da dimensão discursiva, tendo em vista que [...] a partir de rastros de linguagens, os dispositivos dos quais os textos não são senão uma das formas de existência material [...] trata-se também de reconstruir práticas, de devolver vida aos gestos e carne aos corpos” (Courtine, 2013, p. 57).

Ressaltamos, mais uma vez, o lugar do professor como mediador do conhecimento e capaz de perceber o processo sócio-histórico dos sujeitos contribuindo, deste modo, para uma formação cidadã dentro e fora do ambiente escolar. Assim, foi possível fazer uma reflexão importante a respeito do protagonismo dos alunos ao analisar e listar as práticas de bullying na escola como comportamentos nocivos e a influência negativa de discursos capacitistas da sociedade que acabam repercutindo na escola.

Percebemos ainda que o Podcast enquanto gênero cibernético, possibilitou aos estudantes o debate a respeito da diversidade de discursos racistas e relacioná-las com o processo de histórico de escravidão no país. O ato de planejar a criação do Podcast, reforçou a necessidade de ampliação da argumentatividade e enriquecimento vocabular e formação crítica dos alunos.

Considerações finais

A experiência pedagógica apresentada aqui buscou um alinhamento entre algumas categorias fundamentais da Análise do Discurso e sua relação com o ensino. Percebemos como as políticas públicas educacionais materializadas nos documentos oficiais, especialmente a BNCC, mesmo funcionando como dispositivo disciplinar contribuir para a manutenção do exercício da cidade em busca de implementar medidas para a construção e desenvolvimento de um ensino plural, dinâmico e respeita as singularidades dos sujeitos em formação.

Apresentamos a complexidade em elaborar uma proposta que atenda aos anseios dos sujeitos em fase da adolescência no sentido de procurar escutar na materialidade discursiva sua forma de percepção das coisas e a construção do medo de ser excluído tendo como gatilho o bullying. Embora estivessem em condição de docilidade conforme o poder estabelecido pela escola, podemos afirmar que a produção do podcast compreende um espaço de resistência frente aos anseios e dilemas que acometem os alunos partícipes de uma sociedade cada vez mais apressada e ansiosa. Assim, a Análise do Discurso e sua interface com o ensino serve para mostrar que ainda há um longo processo de rupturas e desmistificação necessárias ao processo de formação enquanto sujeitos atravessados pelos mecanismos impostos pelas instâncias disciplinadoras.

Referências

ALUNO morto após agressão em escola paulista queria defender amigos de bullying, diz mãe. UOL. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/04/29/aluno-morto-apos-agressao-em-escola-paulista-queria-defender-amigos-de-bullying-diz-mae.htm>. Acesso em 11 jun. 2024.

BRASIL. Governo Federal do Brasil. **Constituição Federal** de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação** (LDB). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 1 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum curricular**. Brasília, 2018.

CLEMENTE, Ana Maria Nunes dos Santos (org.). Projeto **Podcast**: Papo de escola. Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2024 (Circulação interna. Não disponível).

COURTINE, Jean-Jacques. O medo na era da ansiedade. In: CORBIN, A., COURTINE, J.-J., VIGARELLO, G. (org.). **História das emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Tradução Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**. Pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 6. ed. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 21. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

LUIZ, Lúcio; ASSIS, Pablo. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 3065-3076, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000800011>

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria. O podcast como gênero discursivo: oralidade e multissemiose aquém e além da sala de aula. **Letras**, n. 1, p. 35-55, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148539579>

Recebido em: 1 de março de 2024
Aceito em: 7 de junho de 2024